

**A PARTE DO DIABO: CORPOREIDADE, ORGIA E EXPERIÊNCIA
DO BANAL EM *A CÉU ABERTO* E *ACENOS E AFAGOS*,
DE JOÃO GILBERTO NOLL¹**

*THE DEVIL'S PART: CORPOREALITY, ORGY AND EXPERIENCE OF THE BANAL
IN *A CÉU ABERTO* AND *ACENOS E AFAGOS* BY JOÃO GILBERTO NOLL*

Anderson Proença de Andrade² e Vera Elizabeth Prola Farias³

RESUMO

Com a finalidade de problematizar pós-modernidade e literatura, a presente pesquisa, de caráter bibliográfico e comparativo, aponta possibilidades a respeito de corporeidade, orgia e experiência do banal, com ênfase nas narrativas *A céu aberto* (1996) e *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll. Por meio do diálogo da escrita ficcional com as postulações teóricas de Giorgio Agamben (2009), Stuart Hall (2004), Jean-François Lyotard (1988), Gianni Vattimo (1989), Zygmunt Bauman (2004), Edgar Morin (2005), Gilles Lipovetsky (2005) e Michel Maffesoli (1985, 1995, 1996, 1998 (a e b), 2001, 2004 (a e b), 2009 e 2010), procurou-se compreender a errância e fragmentação identitária do sujeito pós-moderno como consequências de uma sociedade hiper-racionalizada pela globalização e capturada pelo viés da literatura; e também, compreender o hedonismo, a homosociabilidade e o sentimento orgiástico como representações urgentes e instantâneas do *homo estheticus* no *corpus* selecionado.

Palavras-chave: sujeito, pós-modernidade, hedonismo, literatura.

ABSTRACT

*This article discusses some interpretative possibilities concerning corporeality, orgy and experience of the banal by approaching João Gilberto Noll's *A céu aberto* (Open air) and *Acenos e afagos* (Greetings and caresses) in order to discuss postmodernity and literature. The narrative is analyzed by means of the production of the following theoreticians: Giorgio Agamben (2009), Stuart Hall (2004), Jean-François Lyotard (1988), Gianni Vattimo (1989), Zygmunt Bauman (2004), Edgar Morin (2005), Gilles Lipovetsky (2005) and Michel Maffesoli (1985, 1995, 1996, 1998 (b), 2001, 2004 (b), 2009 and 2010). The postmodern subject's wandering and fragmented identity is studied as a consequence of a society that is hyper-rationalized by globalization. The article also explores within the narratives the hedonism dimension, the homosociability and the orgiastic feeling as urgent and instantaneous representations of the *Homo estheticus*.*

Keywords: subject, postmodernity, hedonism, literature.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do Curso de Letras - Centro Universitário Franciscano. E-mail: anderson.pro.andrade@hotmail.com

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: vepfarias@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O surgimento de uma ficção brasileira contemporânea advém dos primeiros anos da década de 1960, com a prosa de Rubem Fonseca. Trata-se, obviamente, de produções que apostam em uma inovação não oferecida de todo por Guimarães Rosa e Clarice Lispector, por exemplo. O Brasil, amiúde, torna-se um país cada vez menos rural. O ímpeto do capitalismo faz-se sentir com tensão nas grandes cidades, a cada dia, mais industrializadas e eivadas das mais variadas formas de comércio. Contudo, com grandes desenvolvimentos urbanos, surgem, conseqüentemente, desordens, freges, rebus.

O brutalismo de Rubem Fonseca, marcado pela representação de uma violência social entre bandidos, prostitutas, policiais corruptos etc.; a escrita também violenta de Patrícia Mello, Marçal Aquino, e de Ferréz; o cotidiano de São Paulo apresentado ao leitor como fragmentado e lancinante em **Eles eram muitos cavalos** (2001) e **São Paulo/Brasil** (2002), de Luiz Ruffato e Fernando Bonassi, respectivamente; o hiper-realismo de André San'Anna, em **Amor** (1998), **Sexo** (1999), **O paraíso é bem bacana** (2006), **Sexo e Amizade** (2007), **Inverdades** (2009) e **O Brasil é bom** (2014) repleto de personagens emburrecidos e preconceituosos, marcados por linguagem artificial e gestos brutais, reveladores do autoaniquilamento da identidade por meio de violência e consumo; a letargia, desolação e ruptura da consciência em **A arte de produzir efeito sem causa** (2008), de Lourenço Mutarelli; o negro, o homossexual, o travesti, em **Balé Ralé** (2003), **Contos negreiros** (2006) e **Rasif - mar que arrebenta** (2008), de Marcelino Freire: a ficção brasileira, dos anos 1960 aos anos 2000, experimentou uma relação tensiva, de alta periculosidade com o ambiente urbano.

Contudo, envolta a esta miscelânea de representações, destaca-se, por certo, a mais singular delas: a escrita de João Gilberto Noll. Nascido em Porto Alegre (RS), Noll surgiu na ficção brasileira contemporânea a partir da publicação de **O cego e a bailarina** (1980), título de contos que lhe rendeu os prêmios Jabuti e o de revelação do ano, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). A partir de 1981, com a publicação de **A fúria do corpo**, Noll consolida-se no cenário atual, conquistando outros prêmios Jabutis: em 1994, por **Harmada** (1993); em 1997, por **A céu aberto** (1996); em 2004, por **Mínimos, múltiplos, comuns** (2004); e em 2005, por **Lorde** (2004).

A escrita de **Lorde** foi oriunda de uma temporada como escritor residente no King's College de Londres. O mesmo ocorreu com **Berkeley em Bellagio** (2002), narrativa finalista do Prêmio Portugal Telecom/2003, elaborada a partir de um convite para ser bolsista e professor convidado da Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos. Também, por meio do Prêmio Portugal Telecom, Noll conquistou em 2009, o segundo lugar pela escrita de **Acenos e afagos** (2008). Em 2010, ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura, pela escrita de **Anjo das ondas** (2010). Em 2013, recebe novamente o Açorianos, dessa vez por **Solidão continental** (2012). Trata-se, portanto, de um significativo escritor, de uma escrita singular altamente elaborada e apreciada.

Ao contrário de Rubem Fonseca, por exemplo, a escrita de Noll não demonstra afeição pelos *bas-fonds* da criminalidade. Na ficção nolleana, o sujeito, fragmentado, destituído de uma identidade una, busca uma experiência - quase sempre eivada de erotismo autodestrutivo - que possa servir-lhe como âncora na sociedade, embora o cumprimento desse desejo, desse projeto seja falho e caia por terra imensuráveis vezes. Isso porque, “Noll cumpre uma trajetória que o identifica, inicialmente, como o intérprete mais original do sentimento pós-moderno de perda de sentido e de referência” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 32).

Dessa forma, o presente estudo é de significativa valia, não apenas pelo fato de o referido escritor ser relativamente pouco estudado pela academia, mas, obviamente, por também colocar em xeque a estrutura canônica do romance. Aliada a esta justificativa, está o ímpeto da narrativa nolleana em expor sujeitos marcados por uma nova noção de sexualidade, desafiadora da ditada pela convenção cristã e patriarcal; capacidade essa que desafia os estudos literários.

Com a finalidade de problematizar pós-modernidade e literatura, a presente pesquisa, de caráter bibliográfico, tem como objetivo principal apontar problematizações sobre corporeidade, orgia e experiência do banal na obra de João Gilberto Noll, com ênfase nas narrativas **A céu aberto** (1996) e **Acenos e afagos** (2008). Como objetivos específicos, procurou-se compreender a errância e fragmentação identitária do sujeito pós-moderno como consequências de uma sociedade hiper-racionalizada pela globalização e capturada pelo viés da literatura; e também, compreender o hedonismo, a homosociabilidade e o sentimento orgiástico como representações urgentes e instantâneas do *homo estheticus no corpus* selecionado.

Por meio do diálogo da escrita ficcional com as postulações teóricas de Michel Maffesoli (1985, 1995, 1996, 1998 (a e b), 2001, 2004 (a e b), 2009, 2010), Jean-François Lyotard (1988), Gianni Vattimo (1989), Stuart Hall (2004), Zygmunt Bauman (2004), Edgar Morin (2005), Gilles Lipovetsky (2005), Giorgio Agamben (2009) e, procurou-se compreender e relacionar sujeito, pós-modernidade, hedonismo e literatura em uma perspectiva filosófica, sociológica e significativamente antropológica, a fim de problematizar cultura, sociedade e suas complexidades.

UM PRISMA ANTROPOLÓGICO PARA A PÓS-MODERNIDADE

De acordo com Giorgio Agamben (2009), ser contemporâneo não é sinônimo de ser atual. Partindo de uma ideia de Roland Barthes - “o contemporâneo é o intempestivo (apud AGAMBEN, 2009, p. 58)” - Agamben entende que “pode-se dizer contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (2009, p. 63-64). “Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (2009, p. 63).

Trata-se, no entanto, de uma dinâmica em que o enxergar assume um prisma antropológico, de investigação e ponderação do tempo histórico em foco. Na visão de Schøllhammer (2011,

p. 9-10), o contemporâneo cria uma desconexão com o presente. E essa desconexão, *a priori*, imperceptível pelo senso comum, pelas convenções, compromete-se em flagrar, em *flashes* e estilhaços, o não convencional, o insuspeito, o obsceno, o ilícito, o interdito. Nessa perspectiva, Schøllhammer (2011, p. 10) atesta que a literatura brasileira contemporânea não incide luz nas questões sociais mais perceptíveis, mas nas “zonas marginais e obscuras do presente”.

Na ficção brasileira contemporânea, ser contemporâneo não é estar a domicílio, mas sair à rua, oferecer um prisma sobre as práticas do tecido social. Envolto às austeras ordens de apelo e consumo proferidas pelos meios de comunicação em massa, envolto a assaltos, crimes, subornos etc., o texto contemporâneo cria painéis ficcionais ousados e difíceis de aflorar na consciência dos sujeitos que, genericamente, guiam-se, para inserir-se socialmente, pelas considerações ditadas pelo senso comum, como se apontou anteriormente.

Esse prisma sobre as práticas sociais de forma alguma está isento de contemplar tabus, em especial, aqueles tocantes ao plano sexual. Em João Gilberto Noll, corpo, momento e sexo propagam-se, expondo, conforme aponta Schøllhammer (2011, p. 31), “uma nova posição do sujeito marcada pela expressão literária de uma individualidade desprovida de conteúdo psicológico, sem profundidade e sem projeto”. Contemplando temas que são fortes tabus - o incesto, a libido homoerótica, a zoofilia, o *ménage à trois*, a festiva orgia - o texto nolleano quebra paradigmas de representação, questiona dimensões espaciais e temporais, transformando o enredo em uma geografia incerta.

Essas inúmeras transgressões suscitadas pela escrita nolleana fizeram do seu autor um grande apresentador de cenários da pós-modernidade. Em conformidade com as ideias de Gianni Vattimo (1989, p. 07), “o termo pós-moderno está ligado ao facto da sociedade em que vivemos ser uma sociedade de comunicação generalizada, a sociedade dos *mass media*”. O fato de a pós-modernidade ser referida como um momento histórico em que o desenvolvimento dos meios de comunicação dá-se de modo maciço, envolvente, não torna as ações dos sujeitos mais conscientes, nem mais transparentes suas razões. Dessa forma, a sociedade pós-moderna afasta-se de uma sociedade fincada em valores cartesianos, e surge “como uma sociedade mais complexa, até caótica” (VATTIMO, 1989, p. 10).

A ideia de sujeito cartesiano é oriunda do Iluminismo. O sujeito do Iluminismo - atesta Hall (2004, p. 10) - “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”, uma, portanto, concepção individualista de sujeito e identidade. Em oposição ao sujeito do Iluminismo, há a noção de sujeito sociológico, aquele sujeito que cumpria uma demanda do mundo moderno: a de afirmar que o “núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos” (HALL, 2004, p. 11); em suma, na e pela cultura.

Para Hall, a pós-modernidade é o quinto descentramento da modernidade, e teria começado a ser gestada a partir dos movimentos sociais dos anos 1960, objetivadores de uma transfiguração do

político. O maio de 1968 na França, por exemplo, uma das grandes revoluções comportamentais do século XX, exigiu a politização do pessoal e da subjetividade das minorias (negros, gays, mulheres etc.). Esse quinto descentramento está há tempos causando uma mudança estrutural nas sociedades. Essa mudança “está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero e sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações sociais” (HALL, 2004, p. 9). Dessa forma, a identidade, deslocada, passa a ser representada a partir de interpelações cobradas ao indivíduo: “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2004, p. 13). Anteriormente, Jean-François Lyotard, um dos primeiros pensadores a pensar a climatologia pós-moderna, já havia advertido: a pós-modernidade “é a incredulidade em relação ao metarrelatos da modernidade” (1988, p. 16). De acordo com Lyotard, “a emancipação dos ideais iluministas, a fê na História e no progresso, as verdades tornam-se ilusórias”: ‘a função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis [...] e o grande objetivo” (1988, p. 16).

Para Michel Maffesoli, difusor de uma sociologia compreensiva, com ênfase no cotidiano, a pós-modernidade é a *parte do diabo* contra a *república dos bons sentimentos* da modernidade (MAFFESOLI, 2009), a sinergia, a conjunção, a congruência de diferenças em um mundo de festa, de errância lúdica, de potência orgânica, de tragicidade hedonista. Um mundo em que a estética tem função e funda uma ética, uma parte do diabo. Fusões, atrações, ligas, redes, tudo funda uma teatralidade, um orgiasmo, uma ética da estética que é cimento social, cola do mundo. Aparentemente, coisas superficiais, mas que numa perspectiva nietzschiana, ocultam toda a profundidade do viver.

Essa nova constante social encontrará na ficção nolleana um campo aberto. Em **A céu aberto** e **Acenos e afagos**, por exemplo, torna-se um desafio para o teórico da literatura a preocupação em mensurar-se o centro. Isso porque o narrador nolleano é um transeunte (quase sempre urbano) que trava repetitivas experiências com o banal e com prazeres efêmeros, fugazes, não isentos de alguma ternura e/ou de risco de vida. Trata-se de uma escrita urgente, de apelo ao prosaico, “de corpo em espetáculo, sendo, a partir daí, causa e efeito da comunicação” (MAFFESOLI, 1996, p. 165).

Nessa apoteose de apelos, conforme adverte Gilles Lipovetsky (2005, p. 44), é inevitável a consolidação de uma *sexdução* generalizada, de um narcisismo em grupo que, se empenha em “liberar o corpo dos tabus e fardos arcaicos, tornando-o assim permeável às regras sociais”. O resultado é a produção de um sujeito não mais guiado “pela disciplina, mas, sim, pela personalização do corpo sob a égide do sexo. O seu corpo é você e deve ser cuidado, amado, exibido” (LIPOVETSKY, 2005, p. 13).

Ainda de acordo com Maffesoli (1996, p. 173), para quem a modernidade é o encontro, a sinergia entre o arcaico e o sempre novo, “o corpo é, de um lado, exacerbado, e de outro, tem tendência a esgotar-se no corpo coletivo”. O corpo, para usar uma expressão de Maffesoli, *pavoneia-se* e deflagra toda sua aparência, traz a hipótese de que “há um hedonismo do cotidiano irreprimível e poderoso que subentende e sustenta toda a vida em sociedade (1996, p. 11)”. Dessa forma, surge no

tecido social, como que em uma apoteose, o *homo estheticus*, um sujeito imantado em um reino de aparências, de confusão dionisiaca, de barroquização existencial.

O *homo estheticus* é marcado por aquilo que Maffesoli denomina formismo, força de atração. De acordo com o teórico, o corpo, “a forma partilhada funda sociedade, que tem uma lição erótica, se entendemos essa palavra no seu sentido mais simples: o que leva à agregação” (MAFFESOLI, 1996, p. 150), à constituição de um corpo social, eivado de sensações, sentimentos e emoções afins. Dessa forma, a orgia é entendida não como “um trivial excesso sexual, a que gostariam de reduzi-la aqueles que são obcecados pela miséria do mundo, mas, pelo contrário, o fato de que em certos momentos, por redes subterrâneas mas não menos vigorosas, uma energia inegável percorre o corpo social” (MAFFESOLI, 2010, p. 28).

Contudo, a noção de corpo exclui a possibilidade de relações afetivas sólidas. A respeito da fragilidade dos laços humanos, Zygmunt Bauman (2004, p. 57) assinala que “Eros com certeza não está morto [...], ele foi condenado a perambular pelas ruas numa infundável e vã procura de abrigo. Eros agora pode ser encontrado em toda parte, mas não se demorará por muito tempo em lugar nenhum”. De acordo com o sociólogo, o consumismo não está isento de culpas, isso porque, “as agônias atuais do *homo sexualis* são as mesmas do *homo consumens*. Elas nasceram juntas. Se um dia se forem, marcharão ombro a ombro” (BAUMAN, 2004, p. 67). Também não é isentada de culpas a sociedade hiper-racionalizada da modernidade, responsável pela emancipação de um *Homo faber* e de um *Homo sapiens* que perderam o onírico, o afetivo, a poesia e, mesmo, segundo Edgar Morin, a demência que faz bem. Para Morin (2005, p. 7), ser *faber* e *sapiens* “implica ser igualmente *demens*: em manifestar uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor, em carregar consigo uma fonte permanente de delírio”. Devido a essa cobrança por produção, “o fracasso no relacionamento é muito frequentemente um fracasso na comunicação” (BAUMAN, 2004, p. 31).

Também a noção de tribalismo, elucidada por Maffesoli, está longe de ser uma alusão a terrenos de blandícias e deleites: trata-se de um “estar-junto ‘à toa’”, um ombro a ombro para o bem e para o mal. (1998b, p. 127). Dessa forma, o “estar-junto” é benção e maldição; um corpo brinda, festeja, toca, fala, solta-se, entrega-se, como também fere, numa vã e potente vontade de fundir-se com o outro.

Essas postulações teóricas esboçadas até o momento dialogam, indubitavelmente, com a produção ficcional nolleana. A propósito de sua escrita sobre um sujeito em desolação, com a memória eivada de fugazes experiências afetivas, de uma sexualidade em constante crise, Noll afirma: “Sei das minhas obsessões, a exemplo da solidão e do desamparo das instituições como a família. E sei que sou obsceno. Temo que o leitor se choque. Mas não recuo porque não busco o pornográfico, não quero dar alívio a quem me lê”⁴. O escritor refere-se também ao desejo de instalar no leitor uma inquietação, um desejo de revisitar concepções sobre cultura impostas e inculcadas pela classe dominante: “Medio

a obscenidade com uma busca estética, de linguagem. Meu leitor não vai encontrar segurança, e sim inquietação. E, além disso, trata-se daquilo que sei fazer. Não sei escrever crônicas convencionais da classe média”⁴.

Essa experiência relatada por Noll tem grande afinidade com as postulações de Gianni Vattimo. Vattimo, a fim de propiciar uma interpretação sobre uma arte da oscilação, característica das sociedades pós-modernas, faz uso de algumas considerações de Heidegger e Walter Benjamin. Para Vattimo, a obra de arte da pós-modernidade está imersa no mundo da comunicação generalizada e só se insurge com criatividade e liberdade via *Shock* (termo de Walter Benjamin) e *Stoss* (termo de Heidegger). O *Shock* (a sempre perspectiva de morte) e o *Stoss* (um choque, uma angústia e desenraizamento) permitem ao leitor uma experiência em que é convidado a rever suas concepções tidas anteriormente como verdades; e, nesse sentido, “o encontro com a obra de arte é como o encontro com uma pessoa que tem uma visão própria do mundo com a qual a nossa deva confrontar-se interpretativamente” (VATTIMO, 1989, p. 56). A título de exemplificação de *Shock*, Benjamin cita o cinema, a “forma de arte que corresponde ao perigo cada vez maior de perder a vida”, perigos que os contemporâneos são obrigados a ter em conta (BENJAMIN *apud* VATTIMO, 1989, p. 55).

Em Noll, o *Stoss* e o *Shock* se darão por meio de sujeitos desterritorializados, marcados não apenas por uma simples libido, mas por uma tensão sexual sempre ao rés da morte: “No amor, no desregramento dos sentidos, na expressão festiva, o gosto amargo da finitude está sempre presente. O barulhento Dionísio, convém não esquecer, é ao mesmo tempo o deus do amor e da morte” - atesta Maffesoli (1985, p. 25). O sujeito nolleano está afinado ao cotidiano e às banalidades e trivialidades que dele despontam. Dessa forma, o sexo urgente homogeneiza o tecido social, cria uma homossociabilidade e um falo simbólico, instala o *orgiasmo* como fator de socialidade: “o falo simbólico lembra que o sexo deve circular, que cada um deve ser “tudo para todos” e que é a este preço que um corpo social se consolida” (MAFFESOLI, 1985, p. 159-160). Trata-se de uma fusão cósmica em que “o divino é tido como andrógino”⁵, em que “a bissexualidade é o signo da autoplenitude” (MAFFESOLI, 1985, p. 69).

Maffesoli (1985, p. 64), amparado por considerações nietzschianas, afirma que o “apolíneo [...] funda-se na consciência e no autodomínio; o dionisíaco, ao contrário, é a parte sombria, destrutiva e desestruturada, esta ‘horrenda mistura de sensualidade e crueldade’”. Ser dionisíaco é afrontar e negar a racionalidade, preferir a confusão dos corpos, celebrar a desenfreada efervescência das festas bacanais, de linguagens em embriaguês, quase em coma, mas ainda guardando resquícios de efusão” a linguagem torna-se o eco da sedução. Essa mistura, aliás, se verá adiante, é a tônica da produção ficcional nolleana.

⁴ Entrevista de João Gilberto Noll para o site Saraiva Conteúdo, disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10400>>. Acesso em: jun. 2014.

⁵ A título de curiosidade, é recomendável assistir um dos diálogos do Fronteiras do Pensamento com Maffesoli, intitulado O teste de Rorschach, disponível em: <<http://www.fronteiras.com/videos/player/?13,352>>. Acesso em: jun. 2014.

CORPOREIDADE, ORGIA E EXPERIÊNCIA DO BANAL EM NOLL

A céu aberto (1996) traz aquela que é a grande tônica da ficção nolleana: uma libido transgressora. Aos leitores de **A céu aberto**, são apresentados dois personagens: o narrador/personagem e seu irmão, de menor idade, gravemente enfermo: “O meu irmão fazia um ar atordoado e esfregou os olhos. Percebi as unhas sujas dele e me bateu uma impertinente vontade de chorar. [...] Toquei no seu braço, a pele estava fria. Eu era o mais velho, eu precisava fazer alguma coisa pela saúde do meu irmão” (NOLL, 2008a, p. 10).

À deriva, os irmãos procuram em uma geografia imprecisa, difusa, o caminho para um campo de batalha, no qual o pai, militar, poderá ajudar na compra de remédios para a cura do irmão mais novo. A imagem da doença há tempos ganha destaque na ficção nolleana, haja vista o detalhe dos corpos que, em **Bandoleiros** (1985), ardem em suor de febre, e que sangram e coagulam as secreções; uma sondagem, portanto, sobre a soropositividade que ganharia advento no final dos anos 1980. Essa sondagem, em **A céu aberto**, dá-se de forma semelhante, com um apelo grotesco que aproxima a linguagem nolleana dos conceitos de *Shock* e *Stoss*: “O meu irmão soltava alguns vômitos pelos cantos da boca e eu ficava olhando aquelas golfadas como quem dissesse: vai, vomita tudo, se quiseres eu boto na minha boca a baba morna e estragada do teu vômito, te apóia em mim, vamos procurar nosso pai no campo de batalha” (NOLL, 2008a, p. 11).

A expressão “a céu aberto” remete, *a priori*, a panoramas ao ar livre, sem cobertura. Mas também àquilo exposto aos efeitos do tempo, nas imediações das periculosidades e desamparos fortuitos. Infere-se, dessa forma, a predisposição para a entrega de uma maior segurança “grande preocupação da modernidade” em prol de uma maior liberdade, prática social bastante já frisada pelos sociólogos da pós-modernidade, como Bauman⁶, a título de exemplificação. Em **A céu aberto**, o excesso de liberdade culmina na indiferença pelo passado e pelo futuro em prol de uma presentificação pelo cotidiano: “O meu irmão chegou mais perto do meu ouvido e pediu que orássemos, contou que criara uma ‘Prece à derrota’ que é a situação na qual não temos mais nada a perder e de mãos vazias erguemos essa reza feito uma ereção ao silêncio do céu” (NOLL, 2008a, p. 61). Essa liturgia que se relaciona ao hedonismo, corresponde para Maffesoli a uma “sensibilidade vivendo ao máximo a experiência daquilo que é. Espiritualidade mundana sabendo dar seu preço a tudo que é dado ver, e a viver aqui e agora. O que não é mais a medíocre experiência econômica a que nos habitou a modernidade, mas precisamente aquela, global, em que o sonho tem sua parte” (MAFFESOLI, 2001, p. 156).

Em **Acenos e afagos** (2008), a libido homoerótica não está também isenta de urgentes, instantâneas e perversas atitudes. Ela já havia sido identificada há tempos, nas narrativas **Berkeley em Bellagio** (2002) e em **Lord** (2004), e mesmo em outras mais anteriores como em **Rastros de verão**

⁶ A título de curiosidade, é recomendável assistir Diálogos com Zigmunt Bauman, uma entrevista que o sociólogo concedeu ao Fronteiras do Pensamento, disponível em: <<http://www.fronteiras.com/videos/player/?13,113>>. Acesso em: jun. 2014.

(1985) e em **A fúria do corpo** (1981). No entanto, havia reservas e uma linguagem que se continha em especular o tema.

Em **Acenos e afagos**, Noll propõe uma liberação do corpo masculino, que, urgente, se relaciona perversa e instantaneamente, rumo à autodestruição. A teoria maffesoliana, de corpo como causa e efeito de comunicação, projeta-se aqui explicitamente, mostrando, aos solavancos, os estilhaços identitários do sujeito pós-moderno.

As palavras acenos e afagos estão no texto nolleano para provar o quanto corpo é comunicação na pós-modernidade. Para a teoria maffesoliana, reduzir a comunicação à mídia é reducionista demais. Por essa razão, é que se insurge um narrador / personagem que nutre desde a infância, uma atração imensurável por um colega de escola, o chamado “amigo engenheiro”. Noll apresenta um sujeito saturado pelo casamento convencional com uma mulher, sem condição de administrar uma fazenda, e que se entrega, como mesmo adverte o narrador, a uma “epopeia libidinal”, epopeia que se torna mais infrene e efusiva com o surgimento de um submarino alemão cheio de sodomitas em Porto Alegre. Para tanto, a cena inicial da narrativa, uma luta insólita da infância entre os dois corpos em um corredor de consultório odontológico, será delineadora.

De acordo com Vera Elizabeth Prola Farias (2010, p. 162), a ficção nolleana “expõe em jogo de emoções outro modo de viver o presente, outra maneira de espacialização, um ambiente global, o jogo de aparências, a importância do instante revertendo as lógicas das narrativas de cunho racionalista e revela um tempo e um espaço que integra a parte obscura que também é própria do homem e da sociedade” e que encerra tabus como o da zoofilia, do contato sexual com uma cabra em **Acenos e afagos**: “Para preservar seu amor seria capaz de virar bicho, de renunciar à feição humana em troca de sua solicitude para com o meu desejo” (NOLL, 2008b, p. 31).

Outro tabu que merece sondagem é o incesto, tabu caro ao sujeito inserido em uma cultura cristã, como se percebe com os irmãos em **A céu aberto**: “O meu irmão estava no meu colo, tinha enrodilhado os braços no meu pescoço e às vezes me beijava o peito como uma criança a não alcançar a face de quem abraça”; “naquela penumbra descobri de vez que era o meu irmão sim a minha mulher, e me debrucei e beijei seus cabelos e enfurnei a mão por entre suas pernas e fui indo assim e me deitei também (NOLL, 2008b, p. 64-65); ou em **Acenos e afagos**, entre pai e filho: “O meu rapaz saía do banho e me olhava tentando decifrar a ambição do meu desejo. [...] As línguas nossas tocavam-se discretas, às vezes flutuavam pelo céu da boca. [...]” (NOLL, 2008b, p. 147).

Nessa banal confusão dionisíaca, eivada de sodomia, felação, masturbação, incesto, zoofilia, o sujeito nolleano escapa das orientações sexuais convencionalmente ditadas e apresenta a dinâmica que Maffesoli denomina de homosocialidade: “seu desdobramento sexual aniquila as polaridades tradicionais (ele não é homo, nem hetero, nem bi, mas cada um em cada circunstância) através de uma atuação pontual dependente das situações vividas numa dinâmica aberta [...] mais ou menos pública”, penumbrosa, difusa. Flanar em uma geografia incerta, de identidades a céu aberto, é estar passível a

identificações de toda ordem, remete a um “‘entrar e sair’ das diferenças sem nenhuma culpa, sem nenhum valor agregatório que não seja o da experiência do momento” (FARIAS, 2010, p. 157).

Dessa forma, de acordo com Maffesoli, (2004b, p. 29), “o gozo não é mais remetido a hipotéticos e ‘róseos amanhã’, e sim vivido, seja lá como for, no presente”. O presenteísmo funda uma ética do instante, uma ética da estética em que a atração orgiástica e a teatralidade cotidiana iluminam a existência sem temores e culpas, esteja o sujeito alojado nas trincheiras de uma guerra, como no caso de **A céu aberto**; ou pelas ruas monótonas de Porto Alegre, como em **Acenos e afagos**. Usando uma profética tese nietzscheana, retomada por Maffesoli, “é a vida como um todo que se torna uma obra de arte” (1998a, p. 191). No corpo social “tudo é permitido, nada é proibido, [...], ‘tudo é bom’: camaradagem amorosa, amor de rapazes, bissexualismo, *sex groupe*, tudo entra em uma estilização” (MAFFESOLI, 1995, p. 71).

Na visão maffesoliana⁷, “o corpo tatuado, com *piercings*, enfeitado de maneira chamativa, em suma, o corpo exacerbado seria apenas um momento na busca de um espírito comum: o que me liga ao outro. Neste sentido, os frêmitos da moda, as histerias esportivas e musicais poderiam ser considerados provas iniciáticas próprias a todos os caminhos para um ‘mais-ser’” (MAFFESOLI, 2004a, p. 184-185). Essa forma particular de hedonismo do corpo está significativamente presente em **A céu aberto** (o vestir-se de noiva, o show pornô, a ostentação viril das fardas militares, as vestes litúrgicas, a água do banho sobre o músculo e sobre o suor do corpo imberbe etc.) e em **Acenos e afagos** (a imagem de uma abelha tatuada no prepúcio, a crítica ácida ao sujeito de cuia em punho e fantasiado de gaúcho, o cheiro da loção, a barba áspera, o delírio de vagina em formação, o falo ereto, as secreções corporais como potência da vida enquanto corpo-arte, etc.).

Portanto, corporeidade e orgia se insurgem na ficção nolleana com apoteoses pós-modernas, urgentes, instantâneas, de corpos em espetáculo, regidos por um sentimento orgiástico e por uma banal teatralidade que se incidem com potência sobre o cotidiano. Apoteoses pós-modernas, livres dos tabus morais da modernidade, mas não isentas de angústia, de *Shock* e *Stoss*, de intempestivos laços e colisões, de noções sobre ser / estar que podem acabar em xeque. Ao fim, Noll pondera, sonda o presente, especulando as relações e deixando indagações a respeito da crise sexual do urbanoide contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há futuro na pós-modernidade para Noll? O corpo em pavoneio e a banal confusão dionisíaca possibilitam muitas dúvidas. Aqui e agora, o sujeito nolleano, fragmentado, vive uma litúrgica presentificação do cotidiano via orgia. Em Noll, a esteira do banal satura o sujeito e anula discussões a

⁷ A título de curiosidade, é recomendável assistir um dos diálogos do Fronteiras do Pensamento com Maffesoli, intitulado O reencantamento do mundo, disponível em: <<http://www.frenteiras.com/videos/player/?13,237>>. Acesso em: jun. 2014.

respeito de passado e futuro, sem medos, sem culpas. Como um bárbaro? De acordo com Maffesoli (1998a, p. 11), “o bárbaro não está mais às nossas portas, ultrapassou nossos muros, está em cada um de nós”. Contudo, será a pós-modernidade uma nivelção geral a todos os indivíduos?

Na visão de Schøllhammer, apesar da doença, das secreções, “Noll consegue, de algum modo, sair da cultura da ferida para abraçar uma cultura do gozo, dos delírios da linguagem; reinsere o presente do desejo erótico na realização da escrita” (2009, p. 120). Em **Acenos e afagos**, o delírio da linguagem é também uma forma de deslize em direção a identificações mais transgressoras, como quando, por exemplo, o narrador/personagem sente – no plano do delírio! – o falo atrofiar-se gradualmente para dar o surgimento a uma vagina. Essa estratégia de João Gilberto Noll é uma excelente oportunidade para se pensar o sentido de feminitude, a possibilidade de se ter uma realidade físico-química masculina e uma série de fantasias e tendências femininas: “O diabo era doce. No ermo da figura peçonhenta quero ir como mulher. Pois faço idéia das artes demoníacas do amor na modalidade feminina” (NOLL, 2008b, p. 16).

Além disso, é imprescindível reiterar a importância da escrita nolleana enquanto representação que coloca em crise a estrutura romanesca, com narradores problemáticos que desafiam o estético, perturbando, por meio de *Shock* e *Stoss*, a consciência do leitor. Perturbação, seja por meio dos tabus, pela sintaxe truncada, parágrafos e pontuações irregulares, ou pela impossibilidade de se mensurar o centro e o clímax das narrativas, desafiando a teoria da literatura que embasou a ficção da modernidade.

Talvez o contexto societal contemporâneo não esteja ainda preparado para quebrar o paradigma moderno, feito de identidades que não aceitam a dissolução e o deslize progressivo em direção às identificações. Contudo, a climatologia social em gestação é de desterritorializações, de aventuras e vagabundagens sob a égide de Dionísio: “o deus-bode de pés bipartidos, é bem o espírito demoníaco que vem perturbar as certezas estabelecidas e as instituições pesadonas. Instaura, a desordem, reinstaura a circulação da própria da vida” (MAFFESOLI, 2001, p. 127). Há nisso, um viver em perigo, um sempre escapar por pouco, um nunca conseguir explicar-se dialeticamente, como pretendeu a modernidade. O ritmo da vida pede como estratégia uma advertência do narrador/personagem nolleano em **Acenos e afagos**: “os mistérios não gostam de ser nomeados” (NOLL, 2008b, p. 29).

Portanto, a ficção de Noll merece ser lida não apenas porque é de uma extrema e extraordinária construção estético-verbal, mas também porque é representação de um período do qual se deve ter pleno conhecimento, a fim de melhor compreender as relações humanas, as práticas sociais na pós-modernidade. Ou mesmo como aposta Noll, ao denominar-se um escritor obscuro, que busca inspiração no lado interior das portas dos banheiros públicos: “Na literatura, tem que ir um pouco além daquilo que você vive, daquilo que se é obrigado a viver no meio social. Esconde-se muita coisa diante dos outros. E na literatura tem que desvelar, revelar isso... É isso que dói. Eu quando escrevo fico pensando: ‘Essas coisas não se dizem! Não devem ser ditas!’ Não, vamos dizê-las, sim⁸”.

⁸ Entrevista de João Gilberto Noll para o site Saraiva Conteúdo, disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10400>>. Acesso em: jun. 2014. Site de João Gilberto Noll: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/>>.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FARIAS, Vera Elizabeth Prola. Identidade a céu aberto. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 149-164, jul./dez. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998b.

_____. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004b.

_____. **A república dos bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

_____. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NOLL, João Gilberto. **A céu aberto**. Rio de Janeiro: Record, 2008a.

_____. **Acenos e afagos**. Rio de Janeiro: Record, 2008b.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Rio de Janeiro: Edições 70, Brasil Ltda, 1989.

